



UNIVERSIDADE
CANDIDO
MENDES

GABARITO

Nome: _____

NOTURNO

Curso: _____

Matrícula: _____ Período: _____

PROVA TIPO 4

Sala: _____

LIVRO: HOLOCAUSTO BRASILEIRO (Daniela Arbex)

ATENÇÃO!!!! MARQUE O TIPO DE PROVA NO CARTÃO!!!!

1. Holocausto Brasileiro é um livro-reportagem, gênero que une a literatura ao jornalismo. Quanto a esse tipo de literatura, é POSSÍVEL afirmar que:

- a) sua principal característica é o eufemismo, “figura de linguagem baseada na substituição de palavra ou expressão que possa ter sentido triste, grosseiro, ou seja apenas desagradável, por outra de sentido mais suave ou conveniente” (AULETE, 2018);
- b) é recorrente o uso da função poética da linguagem, tendo em vista que essa função é capaz de despertar no leitor o prazer estético e surpresa;
- c) este tipo de literatura é feito mesmo para chocar o leitor, muitas vezes para desmascarar ou revelar graves problemas sociais;
- d) do ponto de vista do processo comunicativo, há uma preocupação com o código; a função metalinguística é indispensável à denúncia social feita em Colônia e observada a cada capítulo;
- e) este tipo de literatura se assemelha ao “realismo fantástico” (ou realismo mágico) e pode ser facilmente identificado no livro a partir de elementos mágicos algumas vezes intuitivos, mas nunca explicados, e a presença do sensorial como parte da percepção da realidade.

Gabarito: letra C

Trata-se da única alternativa que descreve corretamente uma característica do gênero “livro-reportagem”. Tal modalidade é construída com o intuito de chocar o leitor! Arbex descreve personagens com palavras e frases objetivas, usa de fotografias, enfim, revela um grave problema social como foi o Hospício de Colônia. NÃO são características do “livro-reportagem”: eufemismo (suavização de ideia forte), função poética (prazer estético e ênfase no eu), função metalinguagem (preocupação com o código linguístico) e realismo fantástico (elementos mágicos).

2. “As mulheres andavam em silêncio na direção do Departamento A, conhecido como Assistência. Daquele momento em diante, elas deixavam de ser filhas, mães, esposas, irmãs. As que não podiam pagar pela internação, mais de 80%, eram consideradas indigentes. Nesta condição, viam-se despedidas do passado, às vezes, até mesmo da própria identidade”.

A destruição da identidade do indivíduo era realizada desde o momento de sua chegada ao Instituto Colônia. São procedimentos que garantiam essa perda, EXCETO:

- a) havia triagem de pacientes, separação por sexo, idade e características físicas;
- b) eram obrigados a ficar nus em público e a entregar todos os seus pertences;
- c) passavam por uma desinfecção, com vacinas e exames de sangue colhidos à força;
- d) os homens tinham o cabelo raspado de maneira semelhante à dos prisioneiros de guerra;
- e) muitas pacientes eram rebatizadas pelos funcionários, perdiam o nome de nascimento, sua história original e sua referência.

Gabarito: letra C

No livro não há relato de vacinas nem exames. Segundo a narrativa, não havia um investimento real na saúde dos internos. Os procedimentos citados nas demais alternativas podem ser encontrados nas páginas 28, 29 e 30.

3. Os depoimentos a seguir foram feitos por ex-funcionários do Colônia. Geraldo Magela Franco é um dos vigias aposentados do hospital, e o psiquiatra e escritor Ronaldo Simões Coelho trabalhou na instituição no início da década de 1960 como secretário geral da Fundação Estadual de Assistência Psiquiátrica.

Depoimento 1: “Não havia prescrição. A gente aprendia na prática sobre o que fazer, quando ocorria qualquer perturbação. No caso dos remédios, a gente dava quando o doente apresentava algum tipo de alteração. Em situações de epilepsia, aplicávamos uma injeção. Se o cara, às vezes, se exaltava, ficava bravo, a gente dava uma injeção para ele se acalmar”.

Depoimento 2: “A coisa era muito pior do que parece. Havia um total desinteresse pela sorte. Basta dizer que os eletrochoques eram dados indiscriminadamente. Às vezes, a energia elétrica da cidade não era suficiente para aguentar a carga. Muitos morriam, outros sofriam fraturas graves”.

Considerando as narrativas apresentadas e o contexto a que se refere, assinale a alternativa CORRETA:

- a) O uso de medicações tinha finalidade essencialmente terapêutica.
- b) Na Colônia usava-se a técnica moderna de eletrochoque.
- c) Os eletrochoques não eram utilizados em mulheres grávidas.
- d) Antes do eletrochoque era aplicada uma anestesia geral, juntamente com a utilização de relaxantes musculares a fim de amenizar as convulsões.
- e) O tratamento de choque e o uso de medicamentos muitas vezes tinham como finalidade a contenção e intimidação dos pacientes.

Gabarito: letra E

Os depoimentos das testemunhas são categóricos ao afirmarem que os funcionários não tinham formação adequada para lidar com os pacientes. Não havia prescrição médica. O tratamento de choque e o uso de medicamentos eram realizados quando ocorria qualquer perturbação por parte dos pacientes, a fim de que eles fossem contidos e intimidados.

4. Considere a leitura do fragmento a seguir para responder à questão:

“Em face da ineficiência da Justiça, os jornalistas brasileiros se veem tentados a realizar simbolicamente a justiça que ela não é capaz de fazer” (ALBUQUERQUE, 2000, p. 48 apud BARBOSA, 2007, p. 232).
BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa. Rio de Janeiro: MAUAD Editora Ltda, 2007.

Considerando a leitura do fragmento e o fato de vivermos em um país marcado pela corrupção, do Legislativo ao Judiciário, pode-se identificar que:

- a) A investigação jornalística feita em “Holocausto Brasileiro” serviu apenas para revisitar o passado do Hospital Colônia.
- b) A investigação jornalística apresentada no livro pode ser comparada à cobertura de matérias policiais, uma vez que busca a justiça a fim de que novos crimes não aconteçam no Colônia.
- c) A repórter, além de fazer justiça, buscou minimizar os erros cometidos no passado.

- d) A investigação da repórter Daniela Arbex está intimamente relacionada à justiça, sua necessidade, urgência e precisão.
- e) A investigação jornalística é fruto de um sensacionalismo irresponsável.

Gabarito: letra D

A intenção de Arbex (2013) foi desmascarar o passado calado, tirá-lo de sua zona de esquecimento e fazer uma justiça, ainda que tardia, e paralelamente, precaver o presente e as futuras gerações dos mesmos erros.

5. Considere a leitura do fragmento a seguir para responder à questão:

“Eu estava de blusa e saia. Ele tirou minha calcinha e fez maldade comigo. Depois me deixou no mato, ensanguentada, chorando de dor. Fui encontrada pela polícia, que me levou de volta. A dor mais forte, porém, eu senti no coração”

A escolha desse trecho corrobora as ocorrências de abuso sexual contra crianças, destacadas no livro “Holocausto Brasileiro”. Considerando essa questão, considere as seguintes afirmativas:

- I. O abuso sexual contra crianças do hospital psiquiátrico de Oliveira causou danos psicológicos, físicos e sexuais ao longo da vida das vítimas.
- II. As ocorrências de abuso sexual contra crianças são recentes na história da humanidade, devido à influência da mídia.
- III. A infância roubada das crianças de Oliveira foi resgatada ao serem enviadas para o Colônia, que tinha um tratamento diferenciado.
- IV. Dentro dos pavilhões do Colônia, mulheres nuas ficavam à mercê da violência sexual.

Assinale a alternativa CORRETA:

- a) As afirmações III e IV são verdadeiras.
- b) As afirmações I, III e IV são verdadeiras.
- c) As afirmações I, II e IV são verdadeiras.
- d) As afirmações I e III são verdadeiras.
- e) As afirmações I e IV são verdadeiras.

Gabarito: letra E

I. Verdadeira. Na obra de Arbex (2013), especificamente no Capítulo 5 (“Os meninos de Oliveira”), é possível, por meio dos relatos de ex-crianças de Oliveira, como Elza Maria do Carmo, estuprada aos 9 anos (p. 76), verificar os danos psicológicos, físicos e sexuais ao longo da vida das vítimas.

II. Falsa. Àquela época, “[...] o abuso sexual contra a população infanto-juvenil era acobertado. O Estatuto da Criança e do Adolescente, que estabelece pena para o crime, só foi instituído no Brasil em 13 de julho de 1990” (ARBEX, 2013, p. 138).

III. Falsa. Arbex (2013) afirma que as crianças, ao serem enviadas para o Colônia, “[...] esperavam resgatar, no novo endereço, a infância roubada. Logo perceberam que os tempos eram novos, mas o tratamento, não” (p. 78).

IV. Verdadeira. Tal informação foi repetida pela autora em várias partes do livro. Aqui destacamos um dos trechos que confirma a afirmativa: “Crianças e adultos misturados, mulheres nuas à mercê da violência sexual” (ARBEX, 2013, p. 152).

6. “Cerca de 70% não tinham diagnóstico de doença mental. Eram epiléticos, alcoolistas, homossexuais, prostitutas, gente que se rebelava, gente que se tornara incômoda para alguém com mais poder. Eram meninas grávidas, violentadas por seus patrões, eram esposas confinadas para que o marido pudesse morar com a amante, eram filhas de fazendeiros as quais perderam a virgindade antes do casamento. Eram homens e

mulheres que haviam extraviado seus documentos. Alguns eram apenas tímidos. Pelo menos trinta e três eram crianças. Homens, mulheres e crianças, às vezes, comiam ratos, bebiam esgoto ou urina, dormiam sobre capim, eram espancados e violados. (...) Os pacientes do Colônia morriam de frio, de fome, de doença. Morriam também de choque.”

Daniela Arbex defende que todos – Poder Público, Classe Médica, Sociedade Civil – foram responsáveis pelo Holocausto Brasileiro. Baseada em que fatos ela argumenta a favor dessa tese?

Gabarito:

Nesta questão, esperava-se que o aluno demonstrasse, por meio dos fatos apresentados pela jornalista Arbex (2013), a responsabilidade de cada um dos responsáveis pelo Holocausto Brasileiro, a saber: Poder Público, Classe Médica e Sociedade Civil. Para isso, poderia utilizar citações de trechos da obra.

Ao Poder Público cabe a responsabilidade porque, dentre outras questões: “Vinte e oito presidentes do Estado de Minas Gerais, entre interventores federais e governadores, revezaram-se no poder desde a criação do Colônia, entre 1903 e 1980. Outros dez diretores comandaram a instituição nesse período, alguns por mais de vinte anos [...] Nenhum deles foi capaz de fazer os abusos cessarem. Dentro do hospital, apesar de ninguém ter apertado o gatilho, todos carregam mortes nas costas” (pp. 38-39). A venda de roupas, cadáveres, o uso da mão de obra dos internos no conserto de vias públicas, entre outros serviços, eram negócios lucrativos para as autoridades.

Em relação à responsabilidade da Classe Médica, um dos argumentos seria a venda de “[...] cadáveres que alimentavam as salas de anatomia das faculdades” (ARBEX, 2013, p. 187).

A Sociedade Civil permitiu que as famílias, os médicos e funcionários despejassem todas aquelas pessoas no Colônia. A prefacista da obra, a também jornalista Eliane Brum, foi enfática ao escrever: “É preciso perceber que nenhuma violação dos direitos humanos mais básicos se sustenta por tanto tempo sem a nossa omissão, menos ainda uma bárbara como esta” (p. 15).

Portanto, era importante que o aluno reconhecesse a omissão coletiva dessa tragédia ocorrida durante cinco décadas no Colônia.

7. A saúde pública sempre foi considerada um dos grandes obstáculos para o desenvolvimento econômico no Brasil. Em “Holocausto Brasileiro”, a jornalista Daniela Arbex declara:

“Ontem foram os judeus e os loucos, hoje os indesejáveis são os pobres, os negros, os dependentes químicos, e, com eles, temos o retorno das internações compulsórias temporárias. Será a reedição dos abusos sob a forma de política de saúde pública? O país está novamente dividido”

Você concorda com a opinião da jornalista quanto à reedição dos abusos contra os “indesejáveis” sob a forma de política de saúde pública? Justifique sua resposta.

Gabarito:

Trata-se de uma opinião pessoal. Entretanto, é imprescindível que o aluno justifique sua colocação com base na afirmação de Arbex (2013) quanto à reedição dos abusos contra os “indesejáveis” sob a forma de política de saúde pública.

Ao aluno caberia citar trechos da obra, como por exemplo: “Os campos de concentração vão além de Barbacena. Estão de volta nos hospitais públicos lotados que continuam a funcionar precariamente em muitas outras cidades brasileiras. Multiplicam-se nas prisões, nos centros de socioeducação para adolescentes em conflito com a lei, nas comunidades à mercê do tráfico” (pp. 232-233).